

ESSENCIAIS DA TEOLOGIA UNICISTA

David K. Bernard

Prefacio do Autor

Essenciais da Teologia Unicista, primeiramente foi apresentado como um trabalho sobre “Aspectos do Movimento Pentecostal Unicista”, num simpósio patrocinado pela Harvard Divinity School, em 5-7 de Julho de 1984, em Cambridge, Massachusetts. Dos dez maiores trabalhos apresentados no simpósio, este foi o único apresentado por alguém da Pentecostal Unida e o único a lidar diretamente com a doutrina Unicista mesma. O propósito do trabalho foi apresentar os elementos essenciais da convicção Unicista, para distingui-la claramente do trinitarianismo, e responder objeções que os trinitários possam levantar.

Sendo que muitas pessoas, incluindo os trinitarianos, têm expressado grande interesse no trabalho, foi preparado para sua publicação. Foram feitas somente algumas pequenas mudanças, sendo que a mais notável é a citação tirada dos escritos de W.A. Criswell.

Espero que este livrete tenha uma dupla função: (1) um resumo, uma referência conveniente para crentes Unicistas e (2) um resumo, porém uma introdução completa da Unicidade, para aqueles fora do movimento.

Para uma discussão detalhada da doutrina da Unicidade, recomendo ao leitor outro livro do autor, “*A Unicidade de Deus*”.

David K. Bernard

Para uma discussão detalhada da doutrina da Unicidade, recomendo ao leitor outro livro do autor, “*A Unicidade de Deus*”.

Essenciais da Teologia Unicista

De acordo com uma estimativa, um quarto dos pentecostais americanos adere à doutrina conhecida como 'Unicidade.' Na história da igreja, muitos têm formulado, independentemente, uma forma de teologia Unicista, incluindo, por exemplo, os modalistas e os sabelianos, na era anteNicena, Miguel Scheppe, (1531), John Miller, (1876), Andrew Urshan (1910), R.E.McAlister, John Seheppe, e Frank Ewart (1913), e a "Verdadeira Igreja de Jesus", na China (1917). Consequentemente, a teologia Unicista não pode ser analisada somente pelo desenvolvimento histórico do movimento moderno Unicista; deve ser dada atenção séria aos textos bíblicos que têm induzido ao seu reaparecimento persistente dentro da Cristandade. Este trabalho identificará os dogmas distintos da teologia Unicista, da perspectiva de um Pentecostal Unicista, e apresenta sua base bíblica, comparando-a com o trinitarismo.

A doutrina Unicista pode ser apresentada sucintamente em duas propostas: (1) há um só Deus indivisível, sem distinção de pessoas: (2) Em Jesus Cristo está, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Todos os títulos da Divindade podem ser aplicados a Ele e todos os aspectos da personalidade divina estão manifestados nEle.

Monoteísmo Radical

A base da teologia Unicista é um conceito radical de monoteísmo. Simplesmente declara: Deus é absolutamente e indivisivelmente um. Não há distinções ou divisões essenciais em Sua natureza eterna, Todos os nomes e títulos da Divindade, tais como Elohim, Yahweh, Adonai, Pai, Verbo, Espírito Santo referem-se a um e o mesmo ser, ou – em terminologia trinitariana – a uma pessoa. Qualquer pluralidade associada com Deus é somente uma pluralidade de atributos, títulos, papéis, manifestações, modos de atividades, ou relacionamentos do homem.

Esta é a posição histórica de judaísmo. Tanto crentes unicistas, como judeus, encontram a expressão clássica desta fé em Deuteronómio 6:4: "Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR". Muitas outras passagens no Antigo Testamento,

particularmente em Isaías, afirmam o monoteísmo estrito e são interpretadas literalmente, de modo a excluir qualquer pluralidade na Divindade. Por exemplo:

“... antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá. Eu, eu SOU o SENHOR, e fora de mim não salvador” (Isaías 43:10-11). “... eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim” (Isaías 46:9).

Nenhuma passagem no Antigo Testamento declara explicitamente a doutrina trinitariana; não se pode derivá-la de uma exegese de somente textos do Antigo Testamento. Se a triplicidade é uma parte essencial da natureza de Deus, Ele não revelou isto para Seu povo escolhido. Se correcto, o trinitarianismo é o único aspecto chave da natureza de Deus, totalmente desconhecida no Antigo Testamento, mas revelada no Novo Testamento. Se Deus é uma trindade, então Abraão, o pai dos fiéis de todas épocas, não compreendeu a natureza da Deidade a quem ele adorava.

Os crentes unicistas dão as seguintes explicações para as passagens do Antigo Testamento que os trinitarianos citam como aludindo à trindade.

- O uso da palavra plural, Elohim, não denota uma pluralidade de pessoas, mas é uma maneira característica para expressar a grandeza OU majestade, na linguagem hebraica.
- O uso do plural divino na frase: “Façamos o homem à nossa imagem” pode ser examinado de várias maneiras: (1) Deus conversando com os anjos (como os judeus explicam); (2) Deus tomando conselho com a Sua própria vontade (como em Efésios 1:11); (3) um pronome simplesmente no plural que concorda com o substantivo plural Elohim; (4) um plural de majestade ou literário: ou (5) uma referência profética da manifestação futura do Filho de Deus. É importante notar que, em cumprimento a este versículo, Deus criou Adão como uma pessoa, com um corpo, mente, personalidade, espírito e vontade.

- Referências ao Filho são proféticas do homem Cristo, apontando para a manifestação futura de Deus em carne.
- Referências ao Espírito de Deus, à Palavra de Deus e à sabedoria de Deus não significam uma pluralidade de pessoas, assim como quando se fala do espírito, da palavra, ou sabedoria de um homem.
- Todas as teofanias do Antigo Testamento podem facilmente ser vistas como manifestações do único Deus, que é onnipresente, onnipotente e onisciente. Embora a expressão, “o anjo do SENHOR” aparentemente seja uma teofania em muitas passagens, ocasionalmente a frase denota um anjo literal e não uma teofania.
- A atribuição a Deus de partes do corpo humano é antropomorfismo, já que o único corpo físico permanente do único Deus, que é Espírito, é aquele que nasceu de Maria.
- Frequentemente, os trinitarianos explicam que as passagens monoteístas usadas para mostrar a Unicidade simplesmente falam da harmonia perfeita e da união dentro da trindade e excluem uma pluralidade de divindades falsas, mas não uma pluralidade de pessoas no verdadeiro Deus. No entanto, nem os escritores bíblicos e nem os seus leitores originais entenderam assim. Além disso, este ponto de vista permitiria o politeísmo total, pois muitas divindades distintas poderiam viver em perfeita harmonia e união.

Os trinitarianos sugerem que a palavra hebraica usada para descrever a Unicidade de Deus é “echad”, que pode significar um em harmonia. Entretanto, ela também pode significar unicidade numérica absoluta, e é usada desta maneira muitas vezes nas Escrituras. E deve ser interpretada assim, quando se refere a Deus, ou então não excluiria o politeísmo, como as passagens em questão claramente pretendem. Até a importância que “echad” conota uma união de coisas plurais; significa a união dos atributos múltiplos de Deus.

Mudando para o Novo Testamento, os expoentes da Unicidade enfatizam a importância de exegetas à luz do contexto e cultura. Os oradores e escritores originais eram judeus estritamente monoteístas que jamais pensaram em introduzir uma nova e dramática revelação de pluralidade na Divindade. Nem escritores

nem leitores pensavam em categorias trinitarianas, pois, tanto a doutrina, como a terminologia da trindade ainda não haviam sido formuladas. Muitas passagens do Novo Testamento confirmam o monoteísmo do Antigo Testamento. Nenhum dos testamentos usa a palavra trindade, ou associa a palavra três ou a palavra pessoas com a Divindade de maneira significativa. A única passagem que usa a palavra pessoa (hypostasis) em relação a Deus é Hebreus 1:3, onde diz que o Filho é a expressa imagem da sua pessoa [Edição Revista e Corrigida] – literalmente, esta palavra significa "substancia" - não uma pessoa ou substância separada de Deus.

Enquanto os trinitarianos reconhecem que a sua doutrina da Divindade é um mistério para mentes humanas que são finitas, os adeptos da Unicidade sustentam que a Unicidade de Deus não é mistério, porém, é claramente revelada na Escritura, para aqueles que crerem. Para estes, o verdadeiro mistério da Divindade é a Encarnação (I Timóteo 3:16), e que tem sido revelado.

Avaliando a posição da Unicidade, é interessante notar as conclusões da The New Catholic Encyclopedia: "Há o reconhecimento da parte de exegetas e teólogos bíblicos... que não se deve falar de Trinitarianismo no Novo Testamento, sem sérias qualificações... a exegese do Novo Testamento já provou que tanto as formas de expressão quanto a maneira de pensar é característica do desenvolvimento patrístico e conciliário, e teria sido algo desconhecido para as mentes e cultura dos escritores do Novo Testamento". Do mesmo modo, o teólogo protestante Emil Brunner escreveu: "A própria doutrina da Trindade, entretanto, não é uma doutrina bíblica, e este facto não é por acaso, mas por necessidade. É o produto de reflexão teológica acerca do problema... A doutrina eclesiástica da Trindade não é somente o produto de genuíno pensamento bíblico, mas também o produto de especulação filosófica, o que está distante do pensamento Bíblico."

A Divindade Absoluta de Jesus Cristo

Teólogos unicistas identificam Jesus Cristo como a encarnação do único Deus, baseando-se em uma interpretação literal de Colossenses 2:9-10, que diz: "Porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Também nele estais

aperfeiçoados; Ele é o cabeça de todo principado e potestade.” Todos os nomes e títulos da Divindade — assim como Yahweh, Pai e Espírito Santo - podem ser aplicados apropriadamente a Jesus. Jesus não é a mera encarnação de uma pessoa de uma Trindade, mas a encarnação de todo o caráter, qualidade e personalidade do único e indivisível Deus.

A Unicidade afirma, em termos fortes, que Jesus é Deus, o mesmo do Antigo Testamento, e sustenta que os escritores do Novo Testamento afirmavam o mesmo, quando chamavam Jesus de Deus. Ou seja, o único e verdadeiro Deus do Antigo Testamento se encarnou como Jesus Cristo. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (II Coríntios 5:19). Para usar a terminologia bíblica, Jesus é a imagem do Deus invisível. Deus manifesto-se em carne; Ele é o nosso Deus e Salvador e a expressa imagem da substância de Deus. W. A. Criswell, pastor da Primeira Igreja Batista de Dallas, Texas, que no passado foi presidente da Convenção Batista do Sul, descreveu a divindade de Cristo em termos idênticos aos usados pelos unicistas, nos seus *Sermões Expositivos Sobre o Apocalipse*.

Sinceramente, não entendo as pessoas que pensam que no céu verão três Deuses. Se você pensa que verá três Deuses, então o que os muçulmanos dizem acerca de você é verdade, e que o seu vizinho judeu diz acerca de você é verdade. Você não é um monoteísta; você é um politeísta. Você crê numa multiplicidade de Deus, plural. “Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR”. Conhecemos Deus como nosso Pai, conhecemos Deus como nosso Salvador e conhecemos Deus pelo Seu Espírito em nossos corações. Mas não há três Deuses. O verdadeiro cristão é um monoteísta. “Há um só Deus.” “Eu e o Pai somos um.” “Quem vê a mim, vê o Pai.” É o Senhor Deus quem fala. É Ele a quem João viu quando voltou-se. O único Deus que você verá é o Senhor Deus a quem João viu na visão do candelabro. O único Deus que você sentirá é o Espírito do Senhor Deus em seu coração. O único Deus que existe é o grande Pai de todos nós. O único Senhor Deus é Cristo. No Antigo Testamento, nós O chamamos de Jeová. No Novo

Testamento, a Nova Aliança, nós O chamamos de Jesus. Hoje, o único grande Deus apresenta-se em autoridade e em juízo e em dignidade judicial entre Suas Igrejas, velando por nós. “Eu vi um semelhante [um grande símbolo místico] a Filho de homem – É o próprio Senhor Deus que virá, pois Cristo Jesus é o Deus do Universo. Não veremos três Deuses no céu. Nunca pense que na glória nós veremos Deus Nº 1, Deus Nº 2 e Deus Nº 3. Não! Somente há um Senhor Deus. Nós O conhecemos como nosso Pai; nós o conhecemos como nosso Salvador; nós o conhecemos como o Espírito Santo em nossos corações. Há um Deus e este é o grande Deus, que foi chamado, no Antigo Testamento, Jeová, e, no Novo Testamento, manifestado em carne, é chamado de Jesus, o Príncipe dos céus, aquele que virá.

A Unicidade atribui a Jesus todos os títulos da Divindade

- Jesus é o Jeová do Antigo Testamento. Isto é estabelecido ao examinar muitas declarações do Antigo Testamento, concernentes a Jeová, que o Novo Testamento atribui a Jesus. Por exemplo, em Isaías 45:23, Jeová disse. “Diante de mim se dobrará todo o joelho, e jurará toda língua, mas, em Romanos 14:10-11 e Filipenses 2:10-11, Paulo aplica esta profecia a Cristo.
- O Antigo Testamento descreve Jeová como: Todo-Poderoso, Eu sou, único Salvador, Senhor dos senhores, Primeiro e Último, único Criador, único Santo, Redentor, Juiz, Pastor e Luz; no entanto, o Novo Testamento atribui todos estes títulos a Jesus Cristo.
- Jesus é o Pai. “E o seu nome será... Deus Forte, Pai da Eternidade,” (Isaías 9:6). “Eu e o Pai somos um” (João 10:30). “O Pai está em mim, e eu estou no Pai” (João 10:38). Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9). Jesus é o Pai dos vencedores (Apocalipse 21:6-7), e Ele prometeu não deixar os Seus discípulos órfãos (João 14:18). A Bíblia atribui muitas obras a ambos, tanto ao Pai, como a Jesus:

ressuscitar o corpo de Cristo, enviar o Consolador, atrair os homens a Deus, responder orações, santificar crentes e ressuscitar os mortos.

- O Espírito Santo é, literalmente, o Espírito que estava em Jesus Cristo. “O Espírito da verdade..., habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vos outros” (João 14:17-18). “O Senhor é o Espírito” (II Coríntios 3:17). O Espírito Santo é o Espírito do Filho e o Espírito de Jesus Cristo (Gálatas 4:6; Filipenses 1:19). O Novo Testamento atribui as seguintes obras tanto a Jesus como ao Espírito Santo: mover sobre os antigos profetas, ressuscitar o corpo de Cristo, ser o Consolador, dar palavras aos crentes na hora da perseguição, interceder, santificar, e habitar nos crentes. Apesar de não rejeitar o trinitarianismo, Lewis Smedes reconheceu que “A experiência do Espírito é a experiência com o Senhor. Na época atual, o Senhor é o Espírito..., O Espírito é Jesus, o que foi assunto, operando na terra... O Espírito é Cristo em sua função redentora...” Isto sugere que nós não cumprimos o propósito bíblico ao insistir que o Espírito é uma pessoa separada daquele cujo nome é Jesus.

Finalmente, os que ensinam a Unicidade identificam Jesus como Aquele que se assenta no trono celestial, ao comparar a descrição de Jesus em Apocalipse 1 com o daquele assentado no trono em Apocalipse 4, e notar que “Deus e o Cordeiro” é um só ser em Apocalipse 22:3-4. Conforme Bernard Ramm, os trinitários são ambíguos quanto ao facto de verem um ser divino ou três seres divinos no céu, mas os crentes unicistas rejeitam firmemente qualquer noção de três seres visíveis, como triteísmo.

Pai - Filho - Espírito Santo

Crer na Unicidade não significa negar **o Pai, o Filho, e o Espírito Santo**. Ela (a unicidade) simplesmente oferece definições não trinitárias para estes termos bíblicos. O título de Pai refere-se ao papel de Deus como Pai de toda a criação, Pai do Filho unigénito e Pai de todo o crente nascido de novo. O título de Filho refere-se à encarnação de Deus, pois o homem Cristo foi literalmente concebido pelo Espírito de Deus (Mateus 1:18-20; Lucas 1:35). O título de

Espírito Santo descreve a característica fundamental da natureza de Deus. A santidade forma a base de Seus atributos morais, enquanto a espiritualidade forma a base dos Seus atributos não morais. O título especificamente refere-se a Deus em atividade, particularmente Seu trabalho de ungir, regenerar, e habitar no homem.

Portanto, a Unicidade afirma os múltiplos papéis e funções descritos pelos termos Pai, Filho e Espírito Santo. No entanto, diferentemente do trinitarianismo, ela nega que estes três títulos reflitam uma triplicidade essencial na natureza de Deus e afirma que todos os títulos aplicam-se a Cristo simultaneamente. Os termos podem também ser entendidos na revelação de Deus ao homem: Pai refere-se a Deus em seu relacionamento familiar com o homem; Filho refere-se a Deus manifestado em carne; e Espírito refere-se a Deus em atividade. Por exemplo, um homem pode ter três relacionamentos significativos ou funções - assim como administrador, professor, e conselheiro - e ainda ser uma só pessoa no pleno sentido da palavra. Deus não se define e nem se limita a uma triplicidade essencial.

Como já vimos, a natureza divina de Jesus Cristo, o Filho de Deus, é identificada como o Pai e o Espírito Santo. Além do mais, o Pai e o Espírito Santo são identificados como um único e mesmo ser. O termo Espírito Santo descreve o que o Pai é, O Espírito Santo é literalmente o Pai de Jesus, uma vez que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo. A Bíblia chama o Espírito Santo de “o Espírito de Jeová”, “o Espírito de Deus”, “o Espírito do Pai, e “o Espírito de Cristo”. A Bíblia atribui muitas das obras de Deus, o Pai, ao Espírito também, assim como: ressuscitar Cristo e habitar, consolar, santificar e ressuscitar os santos.

Os que ensinam a Unicidade oferecem as seguintes explicações para passagens do Novo Testamento, muitas vezes usadas para demonstrar a existência de uma Trindade:

- Referências no plural ao Pai e ao Filho simplesmente fazem distinção entre a divindade e a humanidade de Cristo. Outras referências a Deus no plural fazem distinção entre várias manifestações, atributos, papéis ou relacionamentos

que o único Deus tem. Por exemplo, II Coríntios 13:13 descreve três aspectos, atributos, ou obras de Deus: graça, amor, e comunhão – e os liga com nomes ou títulos que correspondem mais diretamente com estas qualidades: - Senhor Jesus Cristo, Deus, e Espírito Santo. Assim também, em I Pedro 1:2 é mencionada a presciência de Deus Pai, a santificação do Espírito, e o sangue de Jesus.

- O baptismo de Cristo não pretendia apresentar aos judeus devotos espectadores uma doutrina nova radical de pluralidade na Divindade, mas significativa da união autorizada de Jesus como o Messias. Uma compreensão correcta da onnipresença de Deus dissipa qualquer noção de que a voz celestial e a pomba requerem pessoas separadas.
- A descrição que Cristo faz do Espírito Santo como “outro Consolador”, em João 14, indica uma diferença de forma ou de relacionamento, isto é, Cristo em Espírito, antes do que em carne.
- João 17 fala da união do homem Cristo com o Pai. Como um homem, Cristo era um com Deus em mente, propósito e vontade, e nós podemos ser um com Deus neste sentido. Entretanto, outras passagens ensinam que Cristo é um com Deus num sentido que nós não podemos ser, porque Ele é o próprio Deus.
- Dizer que Jesus está à mão direita de Deus não significa uma posição física de dois seres com dois corpos, pois Deus é um Espírito e não tem um corpo físico fora de Jesus Cristo. Tal ponto de vista seria comparável ao ditheísmo. Antes, a frase é uma expressão idiomática do Antigo Testamento, denotando que Cristo possui todo o poder, autoridade, e preeminência de Deus.
- As epístolas de Paulo incluem tipicamente uma saudação, tais como: “Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo” (Romanos 1:7). Isto enfatiza a necessidade de reconhecer não somente os papéis de Deus como Pai e Criador, mas também a revelação de Deus em carne como Jesus Cristo. A conjunção Grega *kai* pode significar “mesmo”, identificando assim o Pai e Jesus como o mesmo ser. Em passagens semelhantes, tais como II Tessalonicenses 1:2 e Tito 2:13,

deve-se aplicar a lei de Granville Sharp: Se dois substantivos próprios do mesmo gênero, número, e caso são ligados com **kai**, e se o primeiro tem o artigo definido e o segundo não, então ambos falam da mesma pessoa.

- A expressão “O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” denota um relacionamento de aliança, assim como “o Deus de Abraão”. Isto serve para nos lembrar das promessas que Cristo conquistou como um homem sem pecado, promessas do “Deus de Jesus Cristo” que estão disponíveis àqueles que têm fé em Cristo.
- O *kenosis* (esvaziamento) de Cristo descrito em Filipenses 2:6-8 não significa que Cristo se esvaziou dos atributos divinos, como onnipresença, onisciência e onipotência, senão Cristo seria meramente um semi-deus. O Espírito de Cristo reteve todos os atributos da divindade, mesmo quando Ele manifestou todo o Seu caráter em carne. Esta passagem somente refere-se às limitações de Cristo, impostas nEle, relativas a Sua vida humana. O *kenosis* foi uma rendição voluntária de glória, dignidade e prerrogativas divinas, não uma abdicação de Sua natureza divina. A união de divindade e humanidade, que era Jesus Cristo, era igual a Deus e procedia de Deus, mas se tornou humilde e obediente até a morte.
- A visão daquele sobre o trono e do Cordeiro, em Apocalipse 5, é apenas simbólica. Aquele que se assenta no trono representa toda a Divindade, enquanto o Cordeiro representa o Filho em Seu papel sacrificial humano.

O Filho

Conforme vimos, os expoentes da Unicidade explicam que o termo *Filho* fala da manifestação do único Deus em carne. Eles afirmam que *Filho* pode referir-se à natureza humana de Cristo somente (como em “o Filho morreu”), ou à união de divindade com a humanidade (como em “o Filho voltará à terra em glória”). Entretanto, eles insistem que o termo não pode ser usado quando separado da encarnação de Deus; nunca pode referir-se apenas à divindade. Eles rejeitam o termo Deus Filho, “não bíblico”, a doutrina do Filho eterno e a doutrina da geração eterna. A frase “o Filho unigénito” não se refere ao facto que o Filho foi gerado do Pai, por

uma geração espiritual inexplicável, mas refere-se à concepção miraculosa de Jesus, no ventre da virgem, pelo Espírito Santo.

Para estabelecer o princípio da existência do Filho, os crentes unicistas indicam as seguintes passagens das Escrituras: "Descerá sobre ti o Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso também o ente Santo que há de nascer será chamado Filho de Deus" (Lucas 1:35). "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4). "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Hebreus 1:5). Eles apontam para o tempo em que o papel distinto do Filho terminará, quando o propósito redentor, para o qual Deus se manifestou em carne, não existirá mais. Isto não implica que o corpo imortal glorificado de Cristo deixará de existir, mas que a obra de mediador e o reinado do Filho findarão. O papel do Filho será imergido pela grandeza de Deus, que permanecerá em Seu papel original como Pai, Criador e Soberano de todas as coisas. "Então o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" (I Coríntios 15:28).

Os crentes unicistas enfatizam as duas naturezas de Cristo, usando este facto para explicar as referências no plural ao Pai e ao Filho contidas nos Evangelhos. Como Pai, Jesus às vezes agia e falava de Sua autoconsciência divina; como Filho, Ele algumas vezes agia e falava de Sua autoconsciência humana. As duas naturezas nunca entravam em conflito, porque elas estavam unidas em uma só pessoa.

A Unicidade pode ser vista como compatível com a formulação Cristológica do Concílio de Calcedônia, isto é que Cristo tem duas naturezas completas — divindade e humanidade — mas é somente uma pessoa. Entretanto, os crentes unicistas não se baseiam nos credos para formular posições doutrinárias, mas baseiam-se apenas nas Escrituras, que revelam a plena divindade de Cristo, a plena humanidade de Cristo, e a união essencial e total de divindade e humanidade, na Encarnação.

Em alguns casos, crentes unicistas têm tomado posições Cristológicas não somente inconsistentes com a de Calcedônia, mas também com a sua própria posição na Unicidade. Por exemplo, alguns têm explicado o clamor de Cristo na cruz, "Deus meu, Deus

meu, porque me desamparaste?” como sinal de que o Espírito de Deus deixou Jesus naquele momento. Este ponto de vista não apenas destrói a união da pessoa de Cristo, mas também afeta a crença em sua divindade absoluta. É mais consistente ver isso como expressando a punição que Cristo sofreu, quando Ele tomou sobre Si os pecados do mundo. Ele de facto provou a morte por todos os homens; Ele sentiu a separação total de Deus que o pecador sentirá na eternidade.

Entre os meios unicistas, existem várias opiniões acerca da possibilidade de Cristo pecar. Uma aplicação consistente de princípios da Unicidade indicará que Cristo era irrepreensível. Às vezes, alguém diz que Jesus se conscientizou da Sua divindade ou tornou-se plenamente divino em algum momento de Sua vida adulta, como, por exemplo, em Seu baptismo. Esta posição é inconsistente com as doutrinas unicistas do Filho gerado e da absoluta divindade de Cristo e é, portanto, rejeitada pelo movimento.

Os que ensinam a Unicidade dão as seguintes explicações para dúvidas levantadas com respeito à Sua doutrina do Filho.

- De acordo com Hebreus 1:2, Deus criou o mundo através do Filho. Certamente, o Espírito (Deus) que estava no Filho, era também o Criador do mundo. Esta passagem também pode indicar que Ele baseou a inteira obra da criação sobre a futura manifestação do Filho. Deus, na Sua presciência, sabia que o homem pecaria, mas Ele também sabia que, através do Filho, o homem poderia ser salvo e poderia cumprir o propósito original de Deus na criação. Como John Miller declarou: “Apesar de Ele não tomar sobre Si a humanidade, até a plenitude do tempo, no entanto Ele a usou e agiu através dela, desde a eternidade.” Em Hebreus 1:6, o Filho é chamado de primogénito ou primeiro a nascer. Uma interpretação deste versículo, segundo Ário, diria que Deus criou um Filho divino antes de qualquer coisa que Ele criou, porém, isto não é consistente com a teologia da Unicidade, e este movimento rejeita firmemente qualquer forma de Arianismo. O Filho é o primogénito no sentido da humanidade: (1) Ele é o Filho primogénito e o unigénito, tendo sido concebido pelo Espírito: (2) A Encarnação existiu na mente de Deus desde o princípio e formou a base para

todas as ações subsequentes; (3) Como homem, Jesus é o primeiro a vencer o pecado, e é, portanto, o primogénito da família espiritual de Deus; (4) Como homem, Jesus é o primeiro a vencer a morte, e é, portanto, o primogénito da ressurreição; (5) Como somente o primogénito tem a posição de preeminência, Jesus também é o cabeça de toda a criação e da igreja.

- Jesus existiu antes da Encarnação, não como Filho eterno, mas como o eterno Espírito de Deus. O Filho foi enviado do Pai, mas esta terminologia simplesmente indica que o Pai estava colocando em acção o plano preexistente em um certo momento, e que o Filho foi divinamente apontado para concluir uma tarefa específica. Do mesmo modo, João Batista foi um homem enviado por Deus, mas ele não existiu antes da sua chegada ao mundo.
- As orações de Cristo representam a luta da vontade humana, submetendo-se à vontade divina. Elas representam Jesus orando de Sua autoconsciência humana e não da divina, pois Deus não precisa orar. Da mesma forma podemos explicar outros exemplos da inferioridade do Filho em poder e conhecimento. Se estes exemplos demonstram uma pluralidade de pessoas, eles estabelecem a subordinação de uma pessoa à outra, ao contrário da doutrina trinitariana de igualdade.
- Outros exemplos de comunicação, conversação ou expressão de amor entre Pai e Filho são explicados como comunicação entre as naturezas divina e humana de Cristo. Se usado para demonstrar uma distinção de pessoas, eles estabeleceriam centros de consciência separados na Divindade, o que é, de facto, politeísmo.

O Logos

O Logos (Verbo) de João 1 não é equivalente ao título *Filho* na Teologia Unicista, como o é no trinitarianismo. O *Filho* está limitado à Encarnação, mas o *Logos* não está. O Logos é a auto-expressão de Deus, “a maneira de Deus de auto-revelar-se” ou “Deus se expressando”. Antes da Encarnação, o Logos era o pensamento não expressado, ou o plano na mente de Deus, e era real como nenhum pensamento humano pode ser, devido à perfeita

presciência de Deus, e, no caso da Encarnação, devido à predestinação de Deus. No princípio, o Logos estava com Deus, não como uma pessoa separada, mas com o próprio Deus — parte de Deus e pertencente a Deus, assim como um homem e sua palavra. Na plenitude do tempo Deus colocou carne no Logos; Ele expressou a Si mesmo em carne.

Teologia Do Nome

A Unicidade dá forte ênfase à doutrina do nome de Deus como expressado tanto no Antigo como no Novo Testamento. Para as pessoas dos tempos bíblicos, o nome é uma parte da pessoa (uma extensão da personalidade). Especificamente, o nome de Deus representa a revelação da Sua presença, caráter, poder e autoridade. No Antigo Testamento, Yahweh (Jeová) era o nome redentor de Deus e o nome singular pelo qual Ele distinguiu-se dos deuses falsos. Todavia, no Novo Testamento, os que ensinam a Unicidade afirmam que Deus acompanhou a revelação de Si próprio em carne com um novo nome. Este nome é Jesus, que inclui e toma o lugar de Yahweh, pois literalmente significa Yahweh — Salvador, ou Yahweh é Salvação. Apesar de outros levarem o nome Jesus, o Senhor Jesus Cristo é o único que realmente é o que o nome descreve.

Enquanto os trinitarianos vêem o nome Jesus como o nome humano do Deus Filho, os crentes unicistas vêem este nome como o nome redentor de Deus no Novo Testamento, o qual tem o poder e a autoridade que a igreja necessita. Eles apontam para estas passagens das Escrituras: “Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (João 14:14). “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Actos 4:12). “Por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados” (Actos 10:43). “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra” (Filipenses 2:9-10). “E tudo o que fizerdes, seja em palavras, seja em acção, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Colossenses 3:17).

Eles observam que a Igreja Primitiva orava, pregava, ensinava, curava os enfermos, operava milagres, expulsava demónios e baptizava no nome de Jesus. O nome de Jesus não é uma fórmula mágica; ele só tem efeito através da fé em Jesus e de um relacionamento com Ele. Todavia o cristão deve usar o nome de Jesus falando em oração e no baptismo, como uma expressão externa de fé em Jesus e obediência à Palavra de Deus.

Fórmula Para O Baptismo Nas Águas

O movimento unicista ensina que o baptismo nas águas deve ser administrado invocando o nome de Jesus. Geralmente, os títulos de Senhor ou Cristo, são usados como uma identificação adicional, como foi feito no Livro dos Actos. Expoentes da Unicidade mostram que, cada vez que a Bíblia descreve a fórmula usada em um baptismo, sempre é invocado o nome de Jesus (Actos 2:38; 8:16; 10:48; 19:5; 22:16). Além destes relatos históricos no Livro de Actos, as epístolas usam muitas alusões à fórmula baptismal do nome de Jesus (Romanos 6:4; I Coríntios 1:13; 6:11; Gálatas 3:27; Colossenses 2:12).

Mateus 28:19 merece atenção especial, porque é a única passagem bíblica que possivelmente poderia ser interpretada como uma alusão a qualquer outra fórmula. É explicado como segue:

- A gramática do versículo denota um nome singular. Sendo que Jesus é ao mesmo tempo Pai, Filho e Espírito, e sendo que Ele veio em nome de Seu Pai e enviará o Espírito em Seu nome, o único nome de Mateus 28:19 tem que ser Jesus. Muitos trinitarianos reconhecem que o nome é singular e identificam-no como Yahweh. Os crentes unicistas mostram que o nome salvador de Deus no Novo Testamento não é Yahweh, mas Jesus.

O contexto exige uma fórmula Cristológica. De facto, Cristo disse. “Eu tenho toda a autoridade, portanto ide e fazei discípulos, baptizando-os em meu nome. Outra vez, muitos estudiosos trinitarianos reconhecem a força deste argumento. Consequentemente, argumentam que este versículo não relata a *ipsissima verba* (palavra exata) de Jesus, mas que é uma paráfrase

por Mateus, ou mesmo uma mudança litúrgica feita por copistas. É importante notar que Eusébio muitas vezes citou este versículo perante o Concílio de Niceia, dizendo "em meu nome". Outros trinitarianos propõem que a igreja originalmente não via este versículo como uma fórmula baptismal. Para os crentes unicistas que aceitam as palavras de Mateus 28:19 como estão, isto não apresenta um problema textual; eles vêem as palavras existentes como uma descrição da fórmula do nome de Jesus.

- Os relatos paralelos da Grande Comissão, em Marcos 16 e Lucas 24, ambos descrevem o nome de Jesus.
- A Igreja Primitiva, que incluía Mateus, cumpriu as instruções de Cristo, batizando em nome de Jesus.

Enquanto historiadores da Igreja, de um modo geral, concordam em que a fórmula original do baptismo era realmente "em o nome de Jesus", nem todos os trinitarianos concordam que esta frase bíblica denota invocar oralmente o nome de Jesus. Os que ensinam a Unicidade afirmam que sim, porque:

- Esta é a maneira mais natural e literal de ler.
- Em Actos 22:16, Ananias falou para Paulo invocar o nome do Senhor no baptismo.
- Actos 15:7 e Tiago 2:7 indicam que o nome de Jesus foi invocado por cristãos em várias ocasiões específicas.
- Quando os discípulos oravam, impunham as mãos sobre os doentes e expulsavam demónios "em nome de Jesus", eles sempre invocavam oralmente o nome (Actos 3:6; 16:18; 19:13).
- A frase realmente significa o poder e autoridade de Jesus, mas o poder e autoridade representados por um nome são sempre invocados, usando-se de facto aquele nome.
- Se esta frase não descreve uma fórmula baptismal, então acontece o mesmo em Mateus 28:19, já que a construção gramatical é idêntica. Todavia, isto deixaria a igreja sem qualquer meio para distinguir o baptismo cristão do baptismo pagão, do baptismo judaico de prosélitos, e do baptismo de João.

- Apesar de haver diferenças nas palavras exactas ditas em cada relato baptismal, todos (inclusive Mateus 28:19) descrevem o mesmo nome: JESUS.

Recebimento do Espírito santo

Pentecostais trinitarianos muitas vezes têm sido acusados de glorificar o Espírito Santo às custas do Filho, e eles distinguem nitidamente entre receber Cristo e receber o Espírito Santo. A doutrina da Unicidade evita este problema. Receber Cristo é receber o Espírito Santo, e vice-versa.

Pentecostais unicistas tipicamente esperam que o baptismo do Espírito Santo venha imediatamente após o arrependimento, como parte de uma experiência de conversão apostólica. Os discípulos esperaram até o Pentecoste, para receberem o baptismo do Espírito, apenas porque este não estava disponível antes da fundação da Igreja do Novo Testamento. Cornélio e a sua casa receberam imediatamente o Espírito, quando creram na pregação de Pedro. Paulo foi cheio com o Espírito Santo, como parte de sua experiência de conversão que durou três dias. Os samaritanos, em Actos 8, e os discípulos de João Batista, em Actos 19, receberam o Espírito Santo quando chegaram à plenitude da fé em Cristo.

Portanto, ao contrário de outros pentecostais, os pentecostais unicistas vêem o baptismo do Espírito Santo como uma parte integrante de receber Cristo. Para eles, não é um novo encontro com outro membro da trindade, nem uma segunda ou terceira "obra de graça", mas é uma parte da vida nova em Cristo.

Conclusão

Em contradição ao trinitarianismo, a Unicidade afirma que: (1) Deus é indivisivelmente um em número e nele não há distinção de pessoas; (2) A Divindade não é mistério; (3) Jesus é a absoluta plenitude da Divindade; Ele é ao mesmo tempo Elohim, Yahweh, Pai, Filho e Espírito Santo; (4) O Filho de Deus foi gerado segundo a carne e não existiu desde a eternidade passada — este termo apenas refere-se à encarnação de Deus em Cristo; (5) O Logos

(Verbo) não é uma pessoa separada, mas a mente, pensamento, plano, atividade ou expressão do Pai; (6) Jesus é o nome de Deus revelado no Novo Testamento e representa salvação, poder e autoridade de Deus; (7) O baptismo nas águas deve ser administrado para invocar oralmente o nome de Jesus, como parte da fórmula baptismal; e (8) os crentes definitivamente só verão um ser divino nos céus: Jesus Cristo.

A doutrina da Unicidade não destrói nenhuma doutrina essencial do Cristianismo, desde a autoridade única da Escritura, da expiação substituinte, e até à justificação pela fé. De facto, os crentes unicistas afirmam que a sua doutrina sustenta o Cristianismo bíblico de três maneiras específicas:

(1) Ela restabelece a terminologia bíblica e os padrões bíblicos de pensamento sobre o assunto da Divindade, estabelecendo claramente o Cristianismo do Novo Testamento como herdeiro espiritual do judaísmo do Antigo Testamento; (2) Ela defende a absoluta divindade de Jesus Cristo, revelando Sua verdadeira identidade; (3) Ela dá ênfase bíblica ao nome de Jesus, colocando o poder do Seu nome disponível ao crente. Em resumo, para eles a doutrina da Unicidade é um elemento crucial na restauração da fé bíblica e do poder apostólico.

Notas

- 1) Dowley, Tim, et al. (eds.). Eerdman's Handbook to the History of the Church. Grand Rapids: Eerdmans, 1977. pág. 619.
- 2) "No hebraico, substantivos pluralizados para expressar a grandeza ou majestade". Flanders, Henry e Cresson, Bruce, *Introduction to the Bible* (New York: John Wiley & Sons, 1973). pág. 48 n. 8.
- 3) Marcos 12:29-30; Romanos 3:30; I Coríntios 8:4; Gálatas 3:20; Efésios 4:6; I Timóteo 2:5; Tiago 2:19; Apocalipse 4:2.
- 4) Estudiosos concordam que I João 5:7 não fazia parte do texto original. Todavia, caso seja autêntico, este versículo não divide Pai, Palavra e Espírito em três pessoas separadas, assim como um homem, sua palavra, e seu

espírito não são pessoas separadas. A conclusão é: " Estes três são um."

- 5) "Trinity, Holy" *The New Catholic Encyclopedia* (New York: McGraw Hill, 1967), XIV. 295-305.
- 6) Emil Brunner, *The Christian Doctrine of God* (Philadelphia: Westminster Press. 1949>. págs. 236-239.
- 7) II Coríntios 4:4; Colossenses 1:15; I Tímóteo 3:16; Tito 2:13; Hebreus 1:3; II Pedro 1:1.
- 8) W. A. Criswell, *Expository Sermons on Revelation* (Grand Rapids: Zondervan, 1961-1966). págs. 145-146.
- 9) *Ibiden*, v. 42.
- 10) Lewis Smedes, *Union with Christ*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans. 1983). págs. 41-54.
- 11) Bernard Ramm. *Protestant Biblical Interpretation*, 3 ed. (Grand Rapids: baker. 1965) pag. 171.
- 12) À mão direita de Deus significa Seu poder, e estar assentado à mão direita de Deus significa preeminência (Ramm. pag. 100).
- 13) Trinitarianos que têm rejeitado a terminologia "Filho eterno" incluem Adam Clarke, o perito em seitas Walter Martin, e o anotador da Bíblia Pentecostal, Finis Dake. Veja Adam Clarke, *Clarke 's Commentary* (Nashville: Abingdon. 1810), V, 360-361; Walter Martin, *The Kingdom of the Cults* (Minneapolis: Bethany House Publishers. 1965), págs. 102-103; Finis Dake, *Dake's Annotated Reference Bible* (Lawrenceville. Ga. Dake's Bible Sales, 1963), NT, pag. 139.
- 14) Para obter uma declaração trinitariana acerca da mesma posição, veja Henry Thiessen, *Lectures in Systematic Theology*, ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1979). pag. 223.
- 15) John Miller, *Is God a Trinity?* 3 ed. (Princeton. N.J. : Impressão própria. 1922). págs. 96-97.
- 16) Flanders e Cresson. pag. 511; Miller. pag. 85.
- 17) Flanders e Cresson. pag. 61.
- 18) Um trinitariano que defendia uma teologia do nome de Jesus similar, veja Essex Kenyon, *The Wonderful Name of Jesus* (Los Angeles: West Coast Publishing Co. 1927).
- 19) James Buswell. Jr. *A Systematic Theology of the Christian Religion* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), 1. 23.

- 20) Veja G. R. Beasley - Murray. *Baptism in the New Testament*
(Grand Rapids: Eerdmans. 1962). págs. 81-84.